

DEF. LEI
I 1260115
HISTÓRIA
DO
INFANTE DOM HENRIQUE
E DOS SEUS CAPITÃIS



R. 141883



COLECÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO DEZANOVE

LISBOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1940



E X - L I B R I S

COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMAO
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1940

40
12601/5

LIVRO DEZANOVE

HISTÓRIA DO INFANTE DOM HENRIQUE E DOS SEUS CAPITÃIS

Naquele tempo reinava em Portugal Dom João I, o que venceu os espanhóis na batalha de Aljubarrota e conquistou a cidade de Ceuta aos moiros.

Tôda a gente sabe que êste grande rei tinha cinco filhos, cinco infantes todos tão notáveis e perfeitos de corpo e alma, que nem sabemos qual merece maior fama. O mais conhecido, porém, tanto em Portugal como no mundo inteiro, é o infante Dom Henrique — a quem os estrangeiros chamam Henrique o Navegador —, porque foi êle quem deu princípio às grandes viagens dos portugueses e à glória que lhes ficou para sempre de descobridores do mundo.

Vivia o infante Dom Henrique há mais de quinhentos anos; e nesse tempo tôdas as ricas mercadorias do Oriente, lá para as bandas da Índia, eram trazidas em navios de moiros que as descarregavam num pôrto do Mar Vermelho, chamado Djedda, e daí passavam estas mercadorias para outros barcos que as levavam a Suez, no Egipto; e em Suez caravanas de camelos levavam-nas até ao Cairo; e no Cairo passavam para umas barçaças que desciam o rio Nilo e as deixavam na cidade de Rosetta; e em Rosetta outras caravanas tomavam conta delas e levavam-nas até Alexandria, onde eram finalmente embarcadas nas galerás de Veneza.

Veneza, a linda cidade da Itália, era então uma das mais ricas do mundo por causa dêste comércio das mercadorias do Oriente; cousas raras e preciosas: âmbar, almíscar, prata, oiro, pedras preciosas, tecidos finíssimos bordados a prata e oiro, a cânfora, o charão e tantas outras mercadorias, e a pimenta, o cravo, a canela, o gengibre e outras especiarias muito apreciadas e que se vendiam na Europa a pêso de oiro.

Mas ninguém conhecia as terras de onde vinham estas mercadorias. Naqueles tempos as viagens eram muito difíceis e perigosas; muitas vezes as mercadorias vindas de tão longe perdiam-se no caminho: ora os navios e barcos se afundavam no mar, levados por temporais, porque todos eram pequenos e a vela ou a remos, ora as caravanas eram atacadas por ladrões ou encontravam nos desertos tempestades de areia onde ficavam enterradas, ou se perdiam e morriam de sede, homens e bestas, sem que nunca mais ninguém soubesse deles.

Os mercadores e marinheiros que traziam estas cousas lá do Oriente, de tão longe, pouco ou nada sabiam da gente das caravanas; e a gente das cara-

vanas também nada sabia da gente das galeras de Veneza. Havia mercadores no Egipto que compravam as mercadorias aos moiros que as traziam da Índia e as vendiam uns aos outros até que elas chegavam à cidade de Alexandria, onde os mercadores de Veneza e de Génova as compravam.

Não havia correios, nem estradas, nem carreiras de navios; a gente lá do Oriente, da Índia, da China, não sabia que existia a Europa; e os da Europa não sabiam onde ficava a Índia nem como era esse país, nem quais os homens e os costumes que lá havia, nem quais os caminhos para lá se chegar. Não havia mapas. Fora da Europa os seus habitantes não conheciam nada do resto do mundo. O resto do mundo, para eles, era tão desconhecido como é desconhecido agora para nós o que se passa nas estrêlas.

Muitas dessas mercadorias do Oriente iam também ter à cidade de Ceuta que, por isso, era uma cidade muito rica. Vinham em grandes caravanas de centenas e até de milhares de homens com os seus camelos, que assim se juntavam para atravessarem os desertos e os perigos daquelas terras medonhas.

A-pesar-de tudo isto, as mercadorias que chegavam do Oriente a Veneza, a Génova, a Ceuta, a Ragusa, não eram muitas. Destas cidades se espalhavam pelos diferentes países da Europa, mas só para as côrtes dos reis e de grandes e ricos fidalgos, porque eram raras e caríssimas.

Cada um contava a seu modo histórias lá daquelas terras desconhecidas. Às vezes algum daqueles homens das galeras contava que tinha falado com mercadores de Alexandria que tinham conhecido gente dos barcos moiros da Índia; e moiros de Ceuta contavam que tinham falado com barqueiros do Mar Vermelho que tinham ido até Ormuz. Mas cada um contava histórias diferentes e ninguém sabia se falavam verdade ou mentira.

Nem cristãos nem moiros tinham navegado ao longo da costa africana para o sul, além do Cabo Bojador que fica pelas alturas das ilhas Canárias. E os moiros diziam que para além do Cabo Bojador ninguém podia passar; que havia grandes perigos de morte: ventos medonhos e fortíssimas correntes no mar que arrastavam tudo, e que nesse mar desconhecido a que chamavam então o Mar Tenebroso, o mundo acabava ali em infinitos lamaçais, espessos e pavorosos nevoeiros e escuridão cerrada onde todos os barcos se perdiam.

O infante Dom Henrique, a-pesar-de muito novo ainda, tinha um pensar muito sério que mais parecia de outra idade. A idea de que havia terras por esse mundo das quais ninguém sabia nada, era cousa que muito lhe dava que cismar. Passava horas a considerar no que seriam essas terras e as gentes que as habitavam e como viveriam e se haveria maneira de as descobrir. Não acreditava que o mundo acabasse além do Cabo Bojador, como diziam os moiros; tinha a cisma que se um barco navegasse ao longo da costa africana, sempre para o sul, descobriria muitos reinos, muitas terras novas e — quem sabe? — talvez fôsse ter àquelas partes da Índia de onde vinham tantas mercadorias; e talvez se descobrisse o reino de um certo rei chamado Preste João das Índias de que muito se falava mas que ninguém vira nem sabia onde vivia, e que era um grande rei cristão.

Tôdas estas cousas andavam na cabeça do Infante. Quer de dia, quer de noite as trazia no pensamento e, como era muito vivo e de vontade muito forte, dizia muitas vezes para seu irmão o infante Dom Pedro que também andava sempre a sonhar com viagens:

— Assim Deus me dê a salvação, irmão, que não hei-de acabar a minha vida sem tirar estas cousas a limpo!

Quando seu pai, el-rei Dom João I, se decidiu a ir conquistar a cidade de Ceuta, a maior razão do entusiasmo de Dom Henrique naquela empresa, foi a esperança de poder vir a saber mais alguma coisa dessas terras desconhecidas, quando chegasse a África. Ceuta era em África; a Ceuta vinham ter caravanas que traziam mercadorias do Oriente; talvez, falando com aquela gente, êle pudesse vir a saber alguma novidade.

O infante Dom Henrique combateu como um leão na conquista de Ceuta e de tal modo se portou que el-rei seu pai, depois da batalha, o armou cavaleiro, lhe deu muitas terras e o fêz duque de Viseu. Assim o Infante, apesar da sua pouca idade — que só ia nos vinte e três anos — se viu de repente muito rico e poderoso. Mas esta riqueza e êste poder não lhe trouxeram ideas de divertimentos ou desejos de figurar e de ter palácios e criadagens e cavalos como aconteceria a outros rapazes. Só o que êle pensava era que assim melhor poderia seguir a sua vontade de descobrir terras.

Emquanto esteve em Ceuta, depois da cidade tomada, não descansou; andava sempre metido com mercadores, ou moiros que tivessem andado nas caravanas, ou gente do mar, e com jeito e manha, falando-lhes ao coração, ganhando-lhes a confiança, lá conseguiu saber algumas cousas das suas viagens e das terras desconhecidas que tinham visto.

Ao voltar de Ceuta, com o pensamento cheio de tôdas estas cousas, não quis saber de ir para a côrte de el-rei seu pai, nem de gozar das suas riquezas, nem de nenhum divertimento.

Tôda a gente sabe que a província do Algarve acaba, para o lado Sul, num cabo chamado de S. Vicente que avança pelo mar dentro em direitura a África.

Foi para ali que o infante Dom Henrique se desterrou por sua vontade. Ali fundou a vila de Sagres que também chamavam Vila do Infante. Ali alevantou uma fortaleza, e casas, e uma capela, e um grande estaleiro para a construção de barcos. Mandou ali vir os homens mais entendidos na arte de navegar e de fazer mapas que então havia, não só em Portugal como noutros reinos da Cristandade. E ali passava os seus dias e noites a cismar, a estudar, a aprender tudo que então se sabia de mapas e de navegação.

No estaleiro o trabalho não parava; os barcos que dali saíam eram os mais rijos e ligeiros e mais bem construídos que então havia. Todos os anos o Infante mandava caravelas ao longo da costa africana, para o Sul, com ordem de dobrar o Cabo Bojador.

As caravelas eram barcos à vela que levavam de dez a vinte e tantos homens; e eram do melhor que havia: obedientes e feitas para resistir ao mar

bravio do alto. E tanto os capitães como a marinhagem eram gente escolhida, valente e entendida nas cousas da navegação; gente costumada a tôdas as surpresas do mar, tendo combatido contra corsários moiros e contra temporais, sem mêdo aos perigos que tão bem conheciam. Mas durante dôze anos nenhuma caravela foi além do Cabo Bojador. Aquêles homens que não tinham mêdo de nada, não ganhavam ânimo de entrar nas regiões desconhecidas do Mar Tenebroso. Tinham mêdo de encarar o fim do mundo, de encontrar o diabo... Os capitães e os seus homens faziam cousas de espantar: atacavam navios de moiros piratas que andavam ali pela costa a filar cristãos que depois vendiam como escravos, e a roubar mercadorias noutros barcos que levavam para os seus portos. Os portugueses do Infante iam contra estes moiros piratas e combatiam-nos e venciam-nos com grande bravura e perigo de vida, e livravam muitos cristãos cativos, e traziam ao Infante muitos moiros prisioneiros e muitas riquezas. Outras vezes lutavam contra grandes temporais e acontecia que os ventos furiosos e as correntes do mar os levavam para o largo, e assim iam às vezes parar às Canárias, sem quererem.

Na casa do infante Dom Henrique, em Sagres, havia sempre muitos rapazes que ali eram criados e educados desde pequenos. Começavam por pouco e, conforme os merecimentos de cada um, iam subindo. Ali estudavam a arte de marear e tôdas as cousas do mar. Principiavam as suas viagens como grumetes ou como escrivães das caravelas e, segundo a maneira como se portavam, o Infante os recompensava; e assim passavam a escudeiros e muitos eram armados cavaleiros e o Infante dava-lhes o comando dos navios.

Ora havia na casa do Infante dois escudeiros de sangue fidalgo que o Infante estimava e tinha em muita conta. Chamava-se um João Gonçalves Zarco e o outro Tristão Vaz. Vendo a boa vontade que êles tinham de o servir e de mostrar o seu valor, o Infante mandou armar uma caravela para êles irem ao longo da costa africana, a ver se descobriam terras para lá do Cabo Bojador.

Quando iam a caminho, mandou-lhes Deus uma tempestade medonha e andaram perdidos no mar e cuidando que ali veriam o cabo das suas vidas. E por fim, levados pelos ventos e correntes do mar, foram ter a uma ilha à qual, depois, deram o nome de Pôrto Santo.

Ali ficaram alguns dias a descansar de tantos trabalhos que tinham passado e a concertarem a caravela. Andando pela ilha, viram que era deserta; mas pareceu-lhes que a terra era boa e que haveria vantagens em a povoar. Logo que o tempo serenou, empreenderam a viagem de volta que foi feliz e deram com o seu caminho. Chegados a Sagres, contaram ao Infante o que era passado e disseram-lhe que a ilha era grande e seria proveitoso povoá-la; e esta idea agradou muito ao Infante que logo deu ordem para que os dois escudeiros João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz recebessem tôdas as cousas precisas para irem povoar aquela ilha de Pôrto Santo. Levavam na caravela mantimentos, e casais de vários animais domésticos, e sementes e outras cousas precisas. Estando nestes preparativos, um outro rapaz fidalgo, seu amigo,

que pertencia à casa do infante Dom João, pediu licença para ir com êles; chamava-se êste rapaz Bartolomeu Perestrêlo e era valente e leal como os outros dois.

Ora entre os animais que levavam com tenção de os largar na ilha, ia uma coelha que um amigo de Bartolomeu Perestrêlo lhe dera de presente. Levavam-na numa gaiola; mas, como a coelha ia cheia, durante a viagem nasceram dela muitos coelhinhos. Ao chegarem a Pôrto Santo, soltaram os animais que traziam e, entre êles, a coelha e os coelhinhos.

Começaram os seus trabalhos: cortaram árvores, construíram cabanas e à medida que limpavam a terra, iam-na semeando. Mas a coelha mais os filhos reproduziram-se de tão espantosa maneira que davam cabo de tudo que aquela gente lançava à terra. Por mais que os matassem, os coelhos pareciam crescer da terra e não havia semente que vingasse.

Estavam os rapazes muito desanimados e tristes quando uma manhã muito clara, João Gonçalves Zarco os levou ao alto de um cabeço e lhes mostrou lá ao longe, sôbre o mar, um vulto que ora parecia terra ora parecia uma nuvem. E disse assim:

— Aquilo é outra ilha que me tenho farto de olhar e bem vejo que é terra. Vamos até lá, amigos, a ver se naquela ilha teremos mais sorte.

Aprontaram a caravela e navegaram para aquela outra ilha, encomendando-se a Deus, porque não sabiam o que iriam encontrar, nem se a ilha era habitada ou não.

Essa outra ilha, que chamaram *da Madeira* porque estava tôda coberta de grande e frondoso arvoredado, era muito maior do que o Pôrto Santo. Estava deserta e não havia sinais de ter sido jamais habitada. A baía onde ancoraram — a que deram o nome de *Funchal* porque ali havia grande matagal de funcho — era tão linda que julgaram estar no paraíso. A água do mar era ali de um verde claro e transparente como cristal, a praia era de calhau roliço e negro e por baixo do arvoredado alto e cerrado havia tantas flôres e plantas de verdes tão brilhantes, que os portugueses não se fartavam de admirar tudo quanto viam e de dar graças a Deus por os ter levado a tal lugar.

A terra era muito rica e parecia bemdita; as sementes que lhe lançavam cresciam de tal modo que era de pasmar. O ar era bom e saudável e havia muita água e muito boa, que se levava em regueiras onde se queria com pouco trabalho.

Cheios de boa vontade os homens ali trabalharam bastante tempo; cortaram árvores, arrotearam terras, construíram as suas casas conforme puderam. Havia tantos pássaros que os apanhavam à mão, porque as avezinhas ao princípio não tinham mêdo dos homens.

Gonçalves Zarco e Tristão Vaz ali se deixaram ficar com todos aquêles trabalhos; e Bartolomeu Perestrêlo voltou ao reino levar estas notícias ao Infante que ficou todo contente.

Dom Henrique apressou-se logo em mandar para a ilha da Madeira mais gente e tôdas as cousas precisas para ali se fazer um povoado, e objectos

próprios da Igreja, e padres; de modo que, em muito pouco tempo, ali se ergueu uma vilazinha com sua igreja e suas casas, e boa parte da ilha se encontrou em cultura e dando muito bom rendimento em pão, em tôda a qualidade de frutas e legumes e em açúcar e outras cousas. E o Infante mandava lá barcos a buscar madeira para a construção das caravelas.

Assim a linda e rica ilha da Madeira foi descoberta por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz; e no ano de 1420 começou a ser povoada.

O Infante, vendo o valor e merecimentos dêstes dois homens, deu-lhes o govêrno da ilha da Madeira, ficando Zarco com a parte do Funchal, e Tristão Vaz com a parte chamada de Machico.

Pouco depois o Infante mandou outra vez Bartolomeu Perestrêlo à ilha de Pôrto Santo a-fim-de a povoar; mas Bartolomeu Perestrêlo não pôde fazer nenhuma cultura por causa dos coelhos que eram tantos e tantos que devoravam tudo que se lançava à terra. Então cortaram-se muitas árvores cuja boa madeira se aproveitou e largou-se muito gado na ilha e aí se fizeram grandes criações de gado grosso e miúdo, o que foi boa riqueza para o reino.

No ano de 1432 um dos capitães que o infante Dom Henrique mandou sempre com a mesma idea de dobrar o Cabo Bojador, foi um cavaleiro criado na sua casa e que se chamava Gonçalo Vêlho. E aconteceu-lhe o mesmo que acontecera a Gonçalves Zarco e a Tristão Vaz: a sua caravela foi apanhada por um grande temporal que a arrastou para o alto mar e a levou à vista de uma ilha desconhecida à qual deram depois o nome de Santa Maria.

Esta ilha foi a primeira que se descobriu do arquipélago dos Açôres; e foi Gonçalo Vêlho que a descobriu no ano de 1432.

E de tôdas estas ilhas, da Madeira e dos Açôres, que logo foram povoadas e cultivadas, começaram em breve a vir muitas riquezas para Portugal, em madeiras e cereais e legumes e frutos e açúcar.

Tôda a gente louvava muito o Infante e se admirava dêstes resultados dos seus estudos e trabalhos. Mas o Infante não estava contente porque nada disto era o que êle queria.

O que o Infante queria era que os seus capitães fôsem pela costa de África, além do Cabo Bojador, a descobrir reinos e terras novas, para as bandas do Sul. Mas havia já dôze anos que as suas caravelas partiam de Sagres e também da cidade de Lagos, no Algarve, onde havia novos e grandes estaleiros, e ainda nenhuma fôra além do Cabo Bojador.

O Infante teimava, porém, naquela idea e nela trabalhava noite e dia, e não se cansava de falar nela aos seus capitães prometendo grandes prémios àquele que primeiro lhe trouxesse notícias dessas terras desconhecidas.

Os capitães eram todos criados na sua casa, como já ficou dito, desde pequenos e estimavam e respeitavam o Infante nem que êle fôsse seu pai. Mas os marinheiros moiros que êles traziam prisioneiros e os mercadores do Norte da Europa que vinham nos seus navios trazer mercadorias a Portugal, diziam

e tornavam a dizer sempre a mesma cousa: que para além do Cabo Bojador ninguém podia passar, e que navio que a tal se atrevesse tinha certa a sua perdição.

Tôdas estas conversas chegavam aos ouvidos do Infante; e um dia, vendo que os seus capitães se não animavam a fazer o que êle queria, mandou chamar um deles à sua presença; um tal Gil Eanes cuja alma era temperada que nem aço e o coração firme e leal que nem uma fortaleza; e o Infante estimava-o muito e tinha nêle muita confiança.

— Anda cá, Gil Eanes, — disse o Infante apenas o rapaz entrou na sala. — Preciso de falar contigo a sério, porque vou estando farto de esperar que um homem, um verdadeiro homem, apareça aqui defronte de mim.

— Verdadeiros homens tem Vossa Senhoria na sua casa, — respondeu Gil Eanes còrando, afrontado como se o Infante lhe tivesse dado uma chicotada. — Homens sem mêdo que, a cada viagem, arriscam a vida ao serviço de Vossa Alteza e, ao seu serviço sabem morrer contentes. Homens que atacam navios moiros mais fortes do que os deles e aqui os trazem prisioneiros com suas riquezas; homens que vencem as tempestades e delas tiram proveito, descobrindo ilhas novas e acrescentando-as ao reino de Portugal...

O Infante abanou a cabeça e respondeu:

— Homens que são valentes mas que não sabem obedecer. Saber obedecer, Gil Eanes, é cousa tão difícil e tão preciosa como saber comandar.

E nisto levantou-se e caminhou para o capitão. Era alto e possante como uma torre e, quando se zangava, a sua cólera fazia tremer os mais valentes. Lançou ao ombro de Gil Eanes uma daquelas mãos que pareciam de ferro e disse-lhe:

— Que mêdos são êsses de dobrar o Cabo Bojador? Além dêsse cabo há terras desconhecidas, há reinos povoados que eu quero descobrir. Aqui tenho criado em minha casa e ensinado rapazes nem que fôssem meus filhos e quando lhes dou uma ordem aí vão êles por êsse mar fora e fazem cousas que não lhes mandei fazer! Capitães criados por mim e que se deixam assustar por falas de marinheiros moiros e mercadores que nunca navegaram senão em rotas conhecidas e sabem menos do mar do que os nossos grumetes! Isto tem de acabar, Gil Eanes, que tamanha vergonha não posso eu agüentá-la!

Gil Eanes estava branco como a cal da parede. Nem podia falar, sufocado de aflição.

— Ouve bem, Gil Eanes, — tornou o Infante levantando a voz, — ouve bem o que te vou dizer, pois não o direi outra vez. Tu vais partir agora e não levas outra ordem senão esta: *passar além do Cabo Bojador e trazer-me noticia do que lá encontrares*. Mais nada, entendes? O prêmio não te faltará, mas agora é preciso obedecer.

E sem mais uma palavra, o Infante apontou-lhe a porta e assim o despediu.

Gil Eanes safu dali com a alma partida em duas metades: uma abrasada em desgosto pelas queixas do seu senhor, a outra a estalar de contentamento

e de orgulho pela confiança que o Infante lhe mostrara. E dizia de si para si:

— Ou dobro o Cabo Bojador, assim Deus me ajude, ou nunca mais apareço diante do meu senhor.

Gil Eanes partiu na sua caravela e com tal resolução e firme vontade, que dobrou o Cabo Bojador. Foi êle o primeiro. E viu que, além do Cabo, a costa de África seguia para o Sul e que o mundo não acabava ali nem havia naquele sítio os tais grandes perigos de que tanto se falava.

A volta apresentou-se defronte do Infante e contou-lhe tôda a viagem: depois de passar o Cabo, vendo que a terra continuava, lançou um bote ao mar e mandando remar para a costa, aí desembarcara; mas não encontrara sinal de vida de homens ou animais. Tudo estava deserto. E Gil Eanes acrescentou:

— Pareceu-me, meu senhor, que devia trazer a Vossa Senhoria qualquer cousa daquela terra que nenhum cristão pisou antes de mim. Mas não vi nada que pudesse trazer a Vossa Alteza senão estas plantas que lá colhi e que na nossa terra se chamam rosas de Santa Maria.

O Infante pegou naquelas plantas ressequidas e olhou para elas muito tempo. Depois guardou-as numa arca nem que fôsem um tesouro e disse:

— Gil Eanes, não há no mundo riqueza que me trouxesses capaz de me dar maior alegria. Fizeste o que ninguém antes de ti se atreveu a fazer. Deste cabo de uma grande mentira. Agora tôda a gente ficou sabendo que, além do Cabo Bojador, a costa de África segue para o Sul. E, por Deus! havemos de navegar ao longo dessa costa e havemos de descobrir onde ela vai parar!

Poucos dias tardaram que o Infante mandasse armar um barco a remos a que chamavam *barinal*; e logo mandou vir à sua presença o seu copeiro-mor Afonso Gonçalves Baldaya e Gil Eanes. Deu a Afonso Gonçalves o comando do barinal e a Gil Eanes o da caravela em que fizera a viagem, e ordenou-lhes que fôsem outra vez para além do Cabo Bojador quanto pudessem.

Desta vez Gil Eanes mais o seu companheiro navegaram mais longe além do cabo, até uma baía a que deram o nome de Baía dos Ruivos porque ali havia grande quantidade dêste peixe. Indo a terra, não viram ninguém, mas descobriram no chão pègadas de homens e de camelos, por onde ficaram sabendo que havia habitantes ou gente que passava naquelas terras desconhecidas.

E voltaram a dar estas notícias ao infante Dom Henrique.

Logo que se espalhou a nova de que o Cabo Bojador tinha sido dobrado por Gil Eanes e que nenhuns perigos desconhecidos havia naquelas partes, outros capitães quiseram partir à descoberta da costa africana. E um dos que partiu pouco tempo depois foi Nuno Tristão, rapaz muito novo ainda e criado de pequeno na casa do Infante, mas tão valente e tão engenhoso e tendo já feito tão grandes cousas em batalhas no mar contra piratas moiros, que a sua

fama era grande, como se tivesse outra idade; e, pelos seus merecimentos, o Infante já o armara cavaleiro.

Partiu Nuno Tristão numa caravela com ordem de passar para lá do Cabo Bojador e ir ao longo da costa para o Sul o mais longe que pudesse até descobrir habitantes.

— E se descobrires alguns, — disse o Infante, — vê se os filas e se mo trazes cativos para êles nos contarem novidades dessas terras que não conhecemos.

Na companhia de Nuno Tristão, ia um outro rapaz da casa do Infante, chamado Antão Gonçalves. Estes dois amigos, cada qual na sua caravela, passaram além do Cabo e além da Baía dos Ruivos e navegaram um rôr de léguas ao longo da costa, notando todos os recortes da terra e árvores e plantas e tudo que iam vendo. Iam animados de muita coragem, avançando assim por mares onde ninguém navegara e sem saberem o que iam encontrar.

Por fim, desembarcaram e cada um, escolhendo dez dos melhores homens que levavam, caminharam pela terra dentro algumas léguas. E fizeram isto de noite porque tôda a gente sabe que de noite tudo se pressente melhor. Andando com tôda a cautela por aquêles matos que não conheciam, e sabendo por pègadas que tinham avistado no chão enquanto fôra dia, tiveram a sorte de ir dar a um acampamento onde viram que havia bastante gente.

Cercaram o acampamento e quando se encontraram perto, soltaram o grito de guerra português: «Portugal e Santiago!» e atiraram-se àquela gente. Bastante animosos deviam ser estes portugueses para fazerem tal cousa! Estavam em terra desconhecida e eram só vinte e dois; não sabiam quem eram os do acampamento, nem quantos, nem que armas tinham. Só uma cousa lhes importava: era obedecer ao Infante.

Os do acampamento eram negros. Quando se viram assim atacados defenderam-se muito bem com suas azagaias e a batalha durou bastante.

E por fim os portugueses filaram dez dêstes selvagens, entre homens, mulheres e crianças; e os outros fugiram.

Entre os prisioneiros havia um alto e de muito boa aparência, chamado Adahu e que, lá entre êles, era fidalgo. E êsse falava a língua dos moiros, o que deu grande alegria a Nuno Tristão e a Antão Gonçalves, porque em Portugal havia muita gente que falava aquela língua e assim o Infante poderia saber por êste Adahu muitas novidades daquelas terras.

Depois de mais algumas aventuras, Antão Gonçalves voltou para Portugal com os cativos e Nuno Tristão continuou a avançar rente à costa, para o Sul, a ver se descobria mais alguma cousa. Assim foi navegando até um cabo a que deu o nome de Cabo Branco, nome que ainda hoje conserva. E desta vez, não foi mais além.

Havia por êste tempo na vila de Lagos, um homem chamado Lançarote, que fôra criado na casa do Infante. Homem valente e de muito boa fama

por grandes cousas que fizera. Era já casado e tinha o cargo de almoxarife de El-rei, naquela vila de Lagos onde tôda a gente o estimava e o respeitava.

Lançarote foi ter com o Infante e pediu-lhe licença para armar seis caravelas por sua conta, e ir ao longo da costa africana o mais longe que pudesse, à procura de cativos e novidades.

O Infante alegrou-se muito com êste pedido e logo lhe deu a licença desejada. Estavam acabados os mêdos do Cabo Bojador e, louvado Deus! já havia boa gente que queria navegar pelos mares desconhecidos à descoberta de novos caminhos e novas terras!

A idea do Infante não era ganhar riquezas nem cativos; o que êle queria era descobrir terras novas e mares, e saber onde e como acabava aquela costa de África, e se haveria maneira de por ali se chegar à Índia. Cismava no que seria a India, êsse país desconhecido de onde vinham tantas cousas preciosas. O seu grande empenho de haver cativos das terras que se iam descobrindo, vinha da esperança de que essa gente pudesse dar notícias de novos povos e novos mundos que a gente da Europa não conhecia.

Apenas Lançarote obteve a licença do Infante, começou a armar os seus navios e a nomear os capitães. Logo o primeiro nomeado foi Gil Eanes; e todos os outros eram muito bem escolhidos, homens capazes e resolutos, determinados a cumprirem o seu dever.

Por lá andaram meses e meses. Passaram além do rio Senegal, e do Cabo Branco e do Cabo Verde e descobriram o rio Níger. Tiveram muitas aventuras e muitas vezes arriscaram a vida. Mas voltaram contentes porque traziam grandes novidades ao Infante sôbre aquelas terras e rios e seus habitantes e as árvores e plantas que lá cresciam diferentes das que se conheciam na Europa, e sôbre peixes e animais desconhecidos. E trouxeram ao Infante muito bem desenhados, os recortes da costa e embocaduras de rios, e ilhas e tudo que observaram; e trouxeram mais de duzentos cativos que filaram, às vezes com muito custo e perigos de morte.

Os cativos eram de diferentes raças: moiros uns, brancos outros, de pele acastanhada, e pretos retintos, negros como carvão. Uns eram lindos, de boas feições e corpos bem feitos, e outros feios como os diabos das profundezas do inferno.

A chegada a Lagos das caravelas de Lançarote, foi um grande acontecimento; e apenas se espalhou a notícia veio gente de tôdas aquelas redondezas e o povo era tanto que cobria a praia tôda.

Os cativos foram logo desembarcados e levados para uma praça da vila. Aí os repartiram em cinco lotes. Ao Infante cabia a quinta parte e o resto pertencia a el-rei e aos capitães das caravelas.

Eram estes os primeiros cativos que assim chegavam em grande número daquelas terras desconhecidas de África. Gente que nunca fôra vista na Europa; e bem se pode imaginar a admiração e o espanto dos portugueses que ali se juntaram e não se cansavam de pasmar para êles.

Os cativos estavam ali, no meio daquela praça, como um rebanho de gado.

Olhavam para tudo que os cercava com grande terror. Não sabiam o que lhes ia acontecer. Quando se fêz a partilha e tiveram que os apartar em cinco partes, cada um estrebuchava e chorava e gritava para não se separar dos seus, de tal maneira que cortava o coração ver e ouvir tal aflição. A multidão de gente portuguesa que ali se juntara, chorava e gritava também, tal era a pena que sentiam ao ver aquêlê grande desespero dos cativos.

O Infante estava presente. Assistia a tudo isto, montado num grande cavalo prêto e luzidio. Conservava-se muito direito e sisudo, olhando para o que se passava, sem dar sinal de pena ou alegria. Sabia o que queria e nada fazia afrouxar aquela vontade de ferro. Pela vida fora nunca se desviou do caminho que prometera a si mesmo seguir. Sacrificou tudo ao seu grande sonho de descobrir o mundo. E a êle nós, portugueses, devemos a glória imortal de termos sido os primeiros a ir por êsses mares desconhecidos, sem mêdo a perigos tamanhos, abrindo caminhos novos sôbre tôda a face da terra.

Montado no seu grande cavalo negro, firme e imóvel, o Infante assistia à repartição dos cativos. Bem sabia que tôda aquela aflição dos pobres selvagens vinha de não conhecerem a sorte que os esperava; bárbaros e brutinhos como eram, cuidavam que iam ser maltratados e mortos. Não se lhes podia explicar nada porque nem entendiam a nossa língua, nem sabiam os nossos costumes. Mas o Infante sabia muito bem que a sorte daquela pobre gente africana ia melhorar e que, dentro de pouco tempo, tôdas as suas lágrimas e tormentos se mudariam em alegria.

E o Infante não se enganava. Com efeito todos os cativos a pouco aprenderam a língua portuguesa, foram baptizados e seguiram de muito boa vontade a religião de Cristo. Tomavam lugares de criados em casa de boa gente que os vestia, os sustentava, os ensinava e os tratava com muita paciência e caridade, alguns até como se êles fôsem seus filhos; e por fim casavam-nos com pessoas da terra e davam-lhes dinheiro com que podiam começar suas vidas. Alguns dêsses patrões ou patroas, se não tinham herdeiros, deixavam-lhes em testamento os seus bens. Certos dêsses cativos que mostravam devoção e jeito para as letras, estudavam para padres e alguns voltavam mais tarde às terras de África ensinar a religião cristã.

Daqueles cativos que vieram nas caravelas de Lançarote, nenhum quis voltar para as suas terras e todos viveram contentes em Portugal. E daí por diante vieram muitos mais daquelas terras de África que se iam descobrindo; mas nunca em Portugal os negros escravos foram maltratados.

Depois desta viagem de Lançarote outros fidalgos o imitaram. Sabiam agora que o mundo não acabava além do Cabo Bojador e que a costa de África seguia sempre para o Sul e nela havia riquezas e terras novas e povos diferentes.

O Infante escreveu ao Papa pedindo-lhe uma bula de absolvição para todos os portugueses que fôsem combater contra os infieis e que lá perdessem a vida. E el-rei ordenou que de tudo que viesse das descobertas, um

quinto fôsse para o Infante, que tanto de seu tinha gasto e gastava naquela grande emprêsa.

Dêste modo, por obra do infante Dom Henrique, se começaram as grandes e gloriosas navegações e descobertas dos portugueses. Em vida do Infante descobriu-se tôda a costa de África desde o Cabo Bojador até à Guiné, até Serra Leoa. E depois da sua morte estas navegações e descobertas portuguesas continuaram e estenderam-se pelo mundo todo.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DA FAÇANHA DE AIRES
TINOCO E DA TRISTE MORTE DE
NUNO TRISTÃO : : : : : : :

14.9.2

*Virginia de Castro e Almeida escreveu:
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.